

TESTAMENTO MARAGATO

Osmar Antonio do Valle Ransolin

Perguntas quem eu sou?
De onde venho?
Pra onde vou?
Sou apenas um soldado,
E este lenço colorado
Foi tudo que me sobrou.

Se perguntas quem eu sou
Não respondo com certeza,
Nas paredes da fortaleza
Fui perdendo a identidade
A consciência e a sanidade
Se renderam ao medo
E te conto um segredo,
Escute com atenção:
- A vida, nessa prisão -
Nos foge, no vão dos dedos.

Estou aqui há meses,
Muito mais do eu queria...
Não vejo noite, nem dia,
E nem o tempo passando.
Só os cativos chegando:
Do mais frágil ao mais forte,
Todos com a mesma sorte
Réus da mesma sentença!
- E esse olhar de descrença -
De quem caminha pra morte.

Fui chamado pra lutar
Parece que há tanto tempo!
Me alistei num regimento
Nas voltas da Vacaria,
E no raiar do outro dia
A guerra andava no ar...
Era um clarim a reboar
Com chamadas militares
Dizendo que Joca Tavares
Viera nos comandar!

Andamos peleando à toa
Sofrendo por todo lado,
Porque ninguém dá costado

Pra gente viver a vida:
Ou se nasce com guarida,
Com *plata*, campo e gado
Ou o destino amargurado
Expulsa a gente da terra
Pra nos botar numa guerra,
De lenço branco, ou colorado.

Meu pai foi sargento,
Nas tropas de Souza Netto
E me deixou esse decreto:
De que lenço, é encarnado!
E por nunca ter mudado
De partido ou de senhor,
Dizem que sou de valor,
Me julgam um bom sujeito
Mas de que adianta ser direito
Se se morre, por uma cor?

Vim pra Santa Catarina
Pra expandir a conquista
A glória federalista
Proclamada em cada canto!
E à beira dum campo santo
Entre miséria e tristeza,
Nos batemos com nobreza
No combate derradeiro,
Pra terminar prisioneiro
Nessa maldita fortaleza.

Anhatomirim...
O rincão abandonado
A ilha dos condenados,
Onde a miséria é soberana.
A aparência nos engana
Não há correntes ou grilhões,
E nas masmorras e porões
Onde a morte faz tocaia
O sangue colore a praia
Por tantas execuções.

Anhatomirim...
Um inferno no oceano!
O martírio sobre-humano
Renovado a cada dia,
O sofrimento e a agonia
Dos que aguardam julgamento,

Na espera do momento
Da opressiva decisão:
O pranto – a escuridão
E por fim o esquecimento.

Daqui ninguém sai,
Nem depois de morto,
Sequer este conforto
Nos é concedido então...
Um enterro cristão
Nada vale pra esta gente!
Quem morre - morre descrente,
Sem enterro ou funeral
Seja soldado ou general:
A morte não vê patente.

Até mesmo o Gama D'Eça
Que aqui entrou Marechal
Não teve melhor final,
Se foi como um coitado!
Neste destino traçado,
Que assombra a todos nós
Este caminho atroz,
Que nos tira da prisão
Pra de joelhos - no chão
Enfrentarmos o algoz.

Na vida, em qualquer hora
É preciso alguma sorte
E o sujeito, por mais forte,
Fraqueja no arremate.
Se perece no combate
A queda tem mais valia!
Mas não existe covardia
No bravo que morre preso,
Torturado e indefeso,
Honrando o que defendia.

Aqui, há três caminhos
Dos quais ninguém escapa.
O primeiro é a inhapa,
Da Árvore do Enforcado.
Por ali muito soldado
Sendo velho ou até moço
Deu o último retoço,
Sem o lenço colorado
Que na hora foi trocado,

Pela corda no pescoço.

O segundo é o poço,
O Poço dos Horrores.
Ali vão os traidores
Os que trocaram de lado!
Quem viu que estava errado
E se engajou com o Gumerindo
Naquele projeto lindo
De um país mais soberano!
E por ordem do tirano,
Pra cá acabaram vindo.

E por fim, aos oficiais
Pra quem tem identidade,
Morrer com dignidade
Envolve honra militar!
E das mil formas de matar
Um vivente na prisão
Quem sabe, o Paredão
Ainda guarde fundamento
E esperar o fuzilamento
Seja uma honrosa solução.

Aqui a morte, vem “de cima”,
Vem da pena do tirano
Do carrasco que Floriano
Escolheu pra esta terra
Veterano de outra guerra
O “Demônio do Sertão”
Com poder e decisão
De condenar, sem defesa,
Vai lotando a fortaleza
À espera de execução.

Antonio Moreira César
O algoz de tanta gente
Tem nome e até patente:
É Coronel e Interventor!
Anda semeando o terror
Nessas terras catarinas,
E na ânsia assassina
De punir qualquer erro
Nessa Ilha do Desterro
Vem cumprindo sua sina.

Por isso que compreendo

O carcereiro e o soldado,
Todos dois são comandados
Pela força superior!
E até pressinto o terror
Quando não há alternativa,
- A hierarquia é imperativa -
E se sabe a consequência
De oferecer resistência
À ordem definitiva.

Escute! Ouço passos...
É preciso me apressar!
Estão vindo me buscar
Com a derradeira escolta,
É a viagem sem volta
É a força que me espera...
A memória se acolhera
E só me resta a lembrança
Da mulher e das crianças,
Me esperando na tapera.

Amigo, segure o lenço!
Já não me resta nada...
A sorte foi lançada
E não há como evitar,
Se conseguires voltar
Leva esse pano sagrado
E no rancho abandonado
Entrega pra minha prenda,
Como última oferenda
Deste pobre condenado.

Diz pras gurias,
Que o pai era decente
Que foi um índio valente
E jamais froxou o garrão,
E ao guri, meu irmão
Diga que seja honrado,
E que se um dia for soldado
Que lute por Liberdade,
Sem esquecer a identidade
Nem este lenço colorado.

Me perguntas quem eu sou?
De onde venho?
Pra onde vou?
Sou apenas um soldado,

E este lenço colorado
Foi tudo que me sobrou...